

INTERPRETAÇÕES SOBRE O MORRER NOS CONTOS DE *OJOS DE PERRO AZUL* DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: GRADUANDAS EM DIREITO UNIFAP E A LITERATURA

INTERPRETATIONS ABOUT THE DYING IN SHORT STORIES OF *OJOS DE PERRO AZUL* OF GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: UNIFAP LAW STUDENTS AND THE LITERATURE*

Roberta Marina Cioatto¹
Akerna Paula Borges Guedes²
Lauanny tavares da Silva Oliveira³

Submetido em: 08 nov. 2021

Aceito em: 05 dez. 2021

RESUMO: O Grupo de Estudos Derecho Y Literatura apresenta o resultado de seu projeto desenvolvido durante o ano de 2021, com o estudo da coletânea de contos *Ojos de Perro Azul* de Gabriel García Márquez. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se do Direito e Literatura como metodologia a partir das interpretações das participantes do grupo sobre a obra. Foram resumidos os contos e examinados com profundidade quatro deles, escolhidos como os que maior impacto emocional ou reflexão teriam causado. Durante as discussões, revelaram-se as mais diferentes interpretações, assim como são as diversas considerações sobre a morte. As estudantes conseguiram colocar-se no lugar do morto - se e quando morto, pois surgiram pontos divergentes também a este respeito - e assim se concretizou uma das justificativas da importância da Literatura para o Direito: a empatia do leitor pelos personagens. Sob esta perspectiva, surgiu a pergunta problema: Com o exame da coletânea de contos *Ojos de Perro Azul*, realizado pelos membros do Grupo de Estudos Derecho Y Literatura, qual o impacto do estudo de suas narrativas no aprendizado das alunas? O objetivo geral foi examinar o uso da obra *Ojos de Perro Azul* como ferramenta de ensino e aprendizagem do Direito a partir da Literatura, abordando essencialmente reflexões individuais e coletivas de membros do grupo *Derecho Y Literatura* ao lidar com o tema da morte sob estudo. O resultado representa as discussões desenvolvidas. Concluiu-se que, inobstante as críticas que o movimento Direito e Literatura possa receber, somente esta poderia propiciar o ensino na forma como proposta,

* A versão preliminar deste trabalho foi apresentada oralmente na XIV Semana de Direito UniFAP realizada de 03 a 05 de novembro de 2021, sob o tema O Direito Fora da Caixa: Transdisciplinaridade, Arte e Tecnologias.

¹ Doutoranda em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Direito com ênfase em Direitos Sociais e Políticas Públicas de Inclusão Social pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/Brasil) e Mestre em Direito das Autarquias Locais pela Universidade do Minho (UMINHO/Portugal) regime de dupla titulação. Bacharel em Direito pela Universidade de Caxias do Sul (UCS/Brasil). Líder do Observatório em Saúde Pública e Patentes (OSPP). Professora de Direitos Humanos Fundamentais e Biodireito do Centro Universitário Paraíso - UniFAP - de Juazeiro do Norte (CE).

² Graduanda em Direito pela UniFAP/CE.

³ Graduanda em Direito pela UniFAP/CE.

colocando o leitor, graduando em Direito, a viver o morrer e a refletir sobre este processo, essencial não apenas para o aprendizado de disciplinas teóricas relacionadas ao tema, mas para sua formação como jurista e como pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Direito e Literatura; *Ojos de Perro Azul*; Morte.

ABSTRACT: Derecho Y Literatura Study Group presents the results of its project developed during the year 2021, with the study of the collection of short stories *Ojos de Perro Azul* of Gabriel García Márquez. This is a bibliographical research, using Law and Literature as methodology from the interpretations of the group participants about the book. The short stories were summarized and four of them were examined in depth, being chosen as the ones that would have caused the greatest emotional impact or reflection. During the discussions, the most different interpretations emerged, as well as the various considerations about death. The students were able to put themselves in the place of the dead - if and when killed, because divergent points also appeared in this regard - and so one of the justifications for the importance of Literature for Law has occurred: the empathy of the reader for the characters. Through the perspective, the problem question arose: With the examination of the collection of short stories *Ojos de Perro Azul*, made by the members of the Derecho Y Literatura Study Group, what is the impact of studying the narratives on the students' learning process? The general objective was to examine the use of the book *Ojos de Perro Azul* as a tool for teaching and learning Law and Literature, addressing essentially individual and collective reflections of members of the Derecho Y Literatura Group when dealing with the theme of death under study. The result represents the discussions developed. It was concluded that, regardless of the criticisms that the Law and Literature movement can receive, only this could provide teaching in the way proposed, placing the reader, graduating in Law, to live the dying experience and to reflect on this process, essential not only for the learning of theoretical disciplines related to the subject, but for his training as a jurist and as a person.

KEYWORDS: Law and Literature; *Ojos de Perro Azul*; Death.

Sumário: 1. Introdução; 2. O direito e literatura; 3. Breve resumo dos contos de *Ojos de Perro Azul*; 4. *Nabo, el negro que hizo esperar a los ángeles*; 5. *Eva está dentro de su gato*; 6. *La otra costilla de la muerte*; 7. *Amargura para tres sonámbulos*; 8. Considerações finais; Referências.

1. INTRODUÇÃO:

O Grupo de Estudos *Derecho Y Literatura*, do Centro Universitário Paraíso - UNIFAP - tem, dentre seus objetivos, estudar o Direito a partir da Literatura. Por meio de narrativas literárias escritas em espanhol, seus membros, concomitantemente, praticam o idioma. Deste modo, preferencialmente, são trabalhadas obras de autores latino americanos, aproximando os estudantes do pensamento literário do continente no qual estão inseridos. Durante o ano de 2021, o livro objeto de estudo foi *Ojos de Perro Azul*, de Gabriel García Márquez, publicado pela primeira vez em 1974 e reunindo contos escritos pelo autor entre 1947 a 1955. A escolha desta coletânea justificou-se uma vez que o Grupo de Estudos está inserido

dentro do Observatório em Saúde Pública e Patentes (OSPP). O OSPP tem, como linha de pesquisa, Bioética, Inovação em Saúde e Direito. Deste modo, situações desde o nascimento até a morte do indivíduo são estudadas sob este viés. Isto inclui a morte medicamente assistida, com os institutos da eutanásia, do suicídio assistido, da ortotanásia e da distanásia. Para tal, reflexões sobre a morte e o processo de morrer são fundamentais.

A transição da vida e da morte é algo que envolve grande discussão e questionamentos em todas as camadas da sociedade, pelo fato de não ser algo determinado à uma condição social ou pessoal, mas uma redesignação imposta a todas as pessoas existentes no mundo. Verifica-se, com bastante ênfase, que este é o tema de debate central do livro *Olhos de Cão Azul*, que realoca o leitor, no decorrer de seus contos, a posicionar-se no lugar do morto ou do quase morto e também de seus familiares. A tarefa de lidar com a morte que é um grande tabu natural na sociedade; e esse encargo é desenvolvido por cada pessoa de maneira profunda e particular.

Durante as discussões do grupo a respeito das interpretações de seus membros sobre os contos, revelaram-se os mais diferentes entendimentos, assim como são as diversas considerações sobre a morte. Os estudantes conseguiram colocar-se no lugar do morto - se e quando morto, pois surgiram pontos divergentes também a este respeito - e assim concretizou-se uma das justificativas da importância da Literatura para o Direito: a empatia do leitor pelos personagens.

Sob esta perspectiva, surgiu a pergunta problema desta pesquisa: Com o exame da coletânea de contos *Ojos de Perro Azul*, realizado pelos membros do Grupo de Estudos Derecho Y Literatura, qual o impacto do estudo de suas narrativas no aprendizado dos alunos?

O objetivo geral do trabalho foi examinar o uso da obra *Ojos de Perro Azul* como ferramenta de ensino e aprendizagem do Direito a partir da Literatura, abordando essencialmente reflexões individuais e coletivas de membros do grupo *Derecho Y Literatura* ao lidar com o tema da morte a partir do estudo.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se do Direito e Literatura como metodologia a partir das interpretações dos participantes do grupo sobre a obra objeto do estudo. Foram resumidos brevemente todos os contos da coletânea e examinados com maior profundidade quatro deles, escolhidos pelas alunas autoras como os que maior impacto emocional ou reflexão lhes teriam causado. O resultado deste exame não se resume às suas

considerações, mas às discussões desenvolvidas durante os encontros quinzenais do grupo, que possui ao todo cinco membros.⁴

2. O DIREITO E LITERATURA:

O movimento *Law and Literature* iniciou nos Estados Unidos, no ano de 1973, com a publicação de *The Legal Imagination*, de James Boyd White, obra considerada um marco na institucionalização de estudos e pesquisas sobre o tema. Esse projeto inicial do Direito na Literatura “pautava-se na ideia de que a literatura poderia contribuir para a humanização do direito, uma área dominada pelo tecnicismo e pelo afastamento do real.” (OLIVEIRA, 2019, p. 413).

Diz-se que a Literatura pode moldar o pensamento e o comportamento humanos. Enquanto humanistas defendem sua valorização e inclusão nos currículos de graduação em Direito, os mais conservadores fazem uso dos efeitos de sua influência para fundamentar a censura e realizar ataques à liberdade literária. Para estes, a literatura é capaz de corromper leitores por meio da força subversiva da arte; para aqueles, a literatura tem a capacidade de tornar as pessoas mais compreensivas e benevolentes, inclusive para com outros povos ou culturas. Possível ainda que uma mesma pessoa se mostre afeita a alguns tipos de literatura e seja resistente a outros. O fato é que, tanto adeptos quanto contrários tendem a exagerar o poder dessa forma de arte, diz Schecaira (2018; 2019).

Hunt (2009, p. 32-33) argumenta ler relatos de tortura e romances epistolares ou cartas teria tido efeitos físicos traduzidos em mudanças cerebrais aptas a novos conceitos sobre organização da vida social e política. Tipos de leitura como estes teriam criado novas experiências individuais a tornarem possíveis novos conceitos sociais e políticos, dentre estes a construção dos direitos humanos. Acredita que referida mudança social e política teria ocorrido por meio de interações entre indivíduos entre si e com suas leituras e visões, criando um novo contexto social.

Embora seja fácil entusiasmar-se com a ideia de potencialidade da literatura para transformar relações humanas e instituições sociais, obras de ficção poderiam gerar tanto bons

⁴ Integram o grupo, além das estudantes autoras e da professora orientadora deste trabalho, Valdemberg Alves Nobre e Rívia Lucena Lima, a quem muito se agradece pelos debates e contribuições que puderam ser agregadas ao presente artigo.

quanto maus indivíduos. “Por outro lado, é preciso manter em mente o risco político que se assume ao defender essa ideia. [...] A admissão do potencial nocivo da literatura serve para armar retoricamente aqueles indivíduos que estão sempre prontos para praticar a censura literária” (SCHECARIA, 2019, p. 379) e estar-se-ia dando ao Estado o poder para regular o que pode ser escrito e publicado. Outrossim, sabe-se que obras literárias frequentemente geram interpretações muitas vezes diferente daquelas pretendidas por seus autores.

Schecaria (2018) defende a valorização da literatura na educação jurídica, mas diz que seus efeitos são menos contundentes e imediatos do que se costuma afirmar. Para ele, a literatura nem sempre torna as pessoas mais éticas. Igualmente, não as torna mais empáticas ou menos cruéis. Ler histórias e transpor-se para o lugar do outro pode não tornar todo o leitor mais sensível ao sofrimento ou mais disposto a tratar os demais com maior respeito e dignidade. Nem todo o leitor sentirá dificuldade em preservar estereótipos e preconceitos em relação a certos grupos sociais depois de ter entrado em contato com uma história sobre o sofrimento de indivíduos que integram determinado grupo, mesmo mergulhando profundamente na vida de personagens específicos. Ainda, a empatia não leva, necessariamente, a ações benevolentes. Embora possa comover o leitor, afetando-o por sentimentos do personagem, talvez seu comportamento não seja alterado diante de pessoas que enfrentem problemas análogos, quanto menos o torne uma pessoa melhor. E a leitura de obras de ficção, por si só, não tem um efeito positivo na formação do jurista. Se não bastasse, a ficção não costuma ser a melhor fonte de informação jurídica. De maneira geral, a leitura de romances não é a maneira mais confiável de aprender sobre Direito.

De qualquer modo, embora possa ser um exagero afirmar que os livros humanizam os leitores, estes podem sim contribuir para a sofisticação da capacidade de compreender a complexidade de problemas morais contemporâneos. (SCHECARIA, 2019). E as lições gerais que podem ser derivadas da literatura não são exploradas por disciplinas dogmáticas, mas pela teoria ou pela filosofia do direito. A literatura é uma fonte de estímulo para a reflexão, sendo que a narrativa introduz o leitor em um novo conjunto de experiências. Esse processo de identificação imaginativa permite que o observador sinta o que o outro sente. (HUNT, 2009). Os autores, com suas narrativas, convidam o leitor a refinar suas opiniões.

Entretanto, é “importante insistir que um leitor sofisticado não é necessariamente um leitor mais humano ou benevolente.” O refinamento intelectual proporcionado pela leitura não leva, necessariamente, à reforma do comportamento moral. (SCHECARIA, 2019, p. 389). Mas a leitura frequente de boas narrativas literárias contribui para a aquisição de cultura geral.

Juristas que leem muito serão capazes de escrever textos mais eloquentes e persuasivos. A literatura não é a principal fonte de lições éticas, morais e sociais, quanto menos jurídicas, mas sabe-se que enquanto algumas pessoas absorvem melhor informações por meio de conteúdo abstrato, outras são mais suscetíveis a narrativas. Igualmente, existe a distinção entre a persuasão por meio de argumentos e a persuasão narrativa. (SCHECARIA, 2018).

As autoras não ignoram as críticas da aproximação entre o Direito e a Literatura, que devem ser levadas em consideração por pesquisadores que decidam adentrar nesta seara. Mas, que Direito e Literatura guardem independência acadêmica não significa que o diálogo entre estas duas disciplinas não possa existir. Deste modo, e inobstante as críticas que o movimento tenha recebido, que outro recurso melhor que a imaginação literária para transportar o indivíduo para além da vida e trazê-lo de volta a fim de perceber o outro, refletir sobre o processo de morte e dialogar com o Direito colocando o sentimento do morto no centro da discussão? É o pensar o Direito com o auxílio da Literatura.

3. BREVE RESUMO DOS CONTOS DE *OJOS DE PERRO AZUL*:

O livro *Ojos de Perro Azul* é uma coletânea de contos de autoria de Gabriel García Márquez, escritor vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1981. Estes onze contos foram escritos e publicados entre 1947 e 1955. As narrativas trazem diversas situações em que o leitor pode analisar e enxergar a morte de um modo não convencional, viajando desde o ponto de vista dos parentes que perderam algum ente querido até a perspectiva do próprio falecido. Márquez criou uma obra enriquecedora que insere no leitor pensamentos sortidos sobre a morte e quando ela acontece.

O primeiro conto do livro é chamado *La Tercera Resignación*, em que o leitor é transposto para os pensamentos e sentidos de um jovem que, quando criança, foi diagnosticado com uma doença que o deixou em estado vegetativo, e sua mãe o manteve até os vinte e cinco anos, momento da narração do conto, crescendo em um caixão. Durante toda a sua vida ele viveu como se cada dia fosse o dia de seu velório. Ele podia pensar, sentir cheiros e ouvir sons, sentia os animais pequenos que conseguiam entrar em seu caixão (apesar do cuidado de sua mãe com sua higiene e a do quarto), sentia a brisa do vento. O que ele não sentia era a vida. Por não conseguir falar ou se movimentar de qualquer forma, ele praticamente viveu a morte em vida. Estava tão familiarizado com aquela rotina morta que, quando sua hora chegou, ele quase não conseguiu distinguir mais o que era vida e o que era morte. Passou então a conformar-se

com a redesignação da sua vida, que era predestinada e palpável, transmitindo ao leitor as sensações de como é morrer em vida, além de transmitir a incerteza de não saber determinar quando realmente a sua hora chegou. Assim vive o menino, agora homem. A sua vida morta no seu eterno limbo.

No conto *Diálogo del Espejo*, o autor mostra ao leitor a história de um homem que ao acordar pensa estar iniciando mais um dia normal em seu cotidiano; porém, sua percepção muda ao se observar no espelho. A vida desse homem não estava fluindo da maneira mais fácil, tanto que para ele continuar dormindo era mais confortável que levantar da cama e encarar sua realidade. Estava doente, e como médico, se auto avaliava a todo momento e podia sentir a progressão da enfermidade em seu organismo. Quando ele se barbeava, observando todos os movimentos de seu reflexo no espelho, algo mudou na imagem. De repente, seu eu no espelho estava sendo atacado, e a cena parecia tão real que ele conferiu se havia alguém mais ali. Uma possível interpretação é que o personagem já havia construído uma imagem tão depreciativa de si mesmo que naquele instante ele conseguiu imaginar como seria seu futuro, sua própria morte.

O seu imaginário levou-o a travar uma luta consigo mesmo, o homem com o homem, e com o seu não discernimento do que é real e do que é imaginário. Assim, desencadeou-se uma doença no seu corpo e na sua mente, que o levou a se distanciar da sua vida cotidiana. Nota-se que, depois que o homem se enxerga emergido nesse mundo paralelo, é envolvido a viver com a sua doença psicológica sentida na carne, a quantificar e mensurar a sua evolução, até que chegue a sua hora, a sua morte certa e real.

A história do conto *Ojos de Perro Azul*, que empresta o nome ao título do livro, discorre sobre os sonhos do personagem principal. Ele sempre sonha com a mesma mulher e a mesma frase; porém, a cada noite, o ciclo parece reiniciar e ele revive tudo como se fosse a primeira vez. De fato, essa mulher nunca é reconhecida fora dos devaneios do sono, chegando a afirmar que escreve por vários lugares da cidade a frase “Olhos de cão azul” na esperança de que ele se lembre e a procure - o que nunca acontece. De acordo com o desenvolvimento do conto, percebe-se que essa mulher não tem um comportamento comum ao das demais pessoas, o que leva o leitor a pensar que esses sonhos do rapaz podem não ser simples sonhos, mas sim delírios. Ou, por se tratar de uma obra de Gabriel García, que é acostumado a retratar a morte de diversas formas, sua própria passagem entre a vida e a morte, pois, para o homem, essa mulher é algo como inatingível, porém que está sempre buscando por ele, e ele, por sua vez, sempre acaba indo ao encontro dela, e a perde todas as manhãs e a reencontra todas as noites.

Em *La Mujer que Llegaba a las Seis*, pode-se acompanhar a história de José, dono de um bar, que todos os dias espera sua cliente que sempre chega pontualmente às seis horas. Certo dia, quando a mulher chega, confunde o homem ao dizer que já estava ali havia quinze minutos. Porém, ele afirma com certeza que seu relógio não está marcando errado as horas e que ela chegou às seis, como sempre. Ao longo do diálogo, pode-se entender que essa mulher necessita de um álibi, e por isso tenta convencer José de que estava em seu bar desde mais cedo. Usando os sentimentos do homem por ela, pergunta-lhe o que ele faria por esse amor, e então, o mesmo admite que tudo faria. Então, ela diz que precisa que ele confirme que ela havia estado adiantada naquele dia meia hora. A sensação final que passa pelo leitor é que essa mulher cometeu um assassinato e está tentando encobri-lo usando a afeição que o dono do bar sente por ela.

No entanto, surgiu uma segunda interpretação desse mesmo conto. Ao transcorrer a sua leitura, percebe-se que a mulher que chegava às seis no bar é uma mulher liberal, que já teve vários romances com outros homens. Ora, levando-se em consideração a descrição dos fatos e o ano em que tudo teria acontecido, 1950, nada mais natural que o leitor reconheça que se trata de uma prostituta: a mulher que chegava às seis, e que se aproveita do amor sentido pelo proprietário do bar para pedir-lhe que seja o seu álibi, devido ao cometimento do assassinato. Esse conto é tão palpável e realista que o intérprete poderia até desenvolver os motivos que levaram-na a cometer o homicídio. Seria a resposta a um caso de violência sexual? Ou até mesmo o surgimento de um agenciador de mulheres, ao qual a mulher não quis se submeter? A interpretação dos motivos, esses são vinculados à violência sofrida pelas mulheres que se encontram em situação de exploração do seu próprio corpo.

Este conto parece destoar dos demais, por não personificar a morte ou fazê-la representar-se. Outrossim, talvez sua interpretação deva ser mais profunda, ainda não alcançada pelas discussões do grupo.

Em *Alguien Desordena estas Rosas*, o leitor é apresentado à história de um garoto que faleceu muito jovem, e que costumava brincar com outra criança próxima a ele. Nesse contexto, esse menino nutria um carinho muito grande pela menina, e esse sentimento não foi esquecido mesmo após sua morte. Então, muitos anos depois, agora uma mulher, ela retorna para morar na casa perto de onde o menino foi sepultado, e a maneira que ele encontra de se fazer presente na vida dela é por meio das rosas, pois ele sempre faz certa bagunça na tentativa de colher algumas flores e levar ao seu túmulo. Pode haver uma certa confusão, uma dificuldade em interpretar-se se o narrador é de fato a menina ou o menino.

Nos encontros do grupo, surgiu outra interpretação acerca deste conto. Uma das leitoras identificou tratar-se de uma dupla personalidade da mulher, em que sua alma infantil aflora bagunçando as rosas do altar. A alma (a segunda personalidade), a fim de manifestar-se no cotidiano da vida adulta da mulher, prega-lhe peças com o intuito de tomar o seu lugar infantil na vida adulta, quando cada vez mais a sua manifestação é evidenciada no decorrer da leitura do conto.

No conto *La Noche de los Alcaravanes*, agrega-se à coletânea a história de três homens que tiveram seus olhos comidos por pássaros na rua. Depois do episódio, eles passam três dias perdidos e tentando encontrar o caminho de volta para casa. Durante essa jornada, deparam-se com algumas pessoas, porém estas não conseguem ajudá-los a encontrar seu caminho, e eles, às vezes, sentem como se por onde quer que andassem houvesse uma parede a suas costas. Dentro do contexto, uma interpretação plausível é que esses homens estão mortos, e esse caminho que procuram seguir não existe mais, pois não podem retornar à vida. Enriquecendo essa ideia, há o fato de que eles conseguem se comunicar com uma criança, porém ninguém mais que está com esse garoto consegue vê-los. E a mãe do menino ainda diz que desde o dia do acidente com os pássaros eles têm outra casa, o que leva a pensar que essa nova casa é a sepultura.

A personagem principal de *Monólogo de Isabel viendo llover en Macondo* relata um momento de angústia vivido quando, depois de uma grande seca, começou a chover onde ela mora. Porém, a alegria dos moradores trazida pela chuva logo se foi, a insistente chuva estava destruindo plantações, construções e matando os animais. Em certos momentos, Isabel percebe que a chuva cheira à morte, e que não tem certeza de estar mesmo viva, pois perdeu a noção do tempo. Diante de tantos acontecimentos estranhos, incluindo a aparência esquelética de sua madrasta e sua confusão de sentidos, Isabel não acredita que esteja tendo uma visão límpida do que passa em sua casa, assumindo então que pode estar morrendo.

Os demais contos da coletânea serão desenvolvidos ao longo do trabalho, com ênfase maior a quatro deles. Como afirmado, foram escolhidos pelas estudantes autoras como as narrativas que mais lhe teriam impactado.

4. NABO, EL NEGRO QUE HIZO ESPERAR A LOS ÁNGELES:

Em *Nabo, el Negro que Hizo Esperar a los Ángeles*, é retratado o drama psicológico enfrentado pelo protagonista do conto, Nabo. Este encontra-se na linha tênue que separa a sua

vida e a sua morte. O rapaz, que era empregado de uma família conceituada, tinha a função de escovar os cavalos da propriedade. Todavia, um certo dia, ao escovar com um pente os cabelos de um cavalo, acabou por receber um intenso coice, que lhe desencadeou uma confusão mental e o levou à transição entre a sanidade e insanidade, segundo uma das interpretações. Em outro sentido, ele poderia estar morto.

Observar a história de Nabo levando em consideração o histórico dos outros contos pode fazer surgir na mente do leitor um caminho em que esse personagem esteve morto por mais tempo do que inicialmente o enredo dá a entender. Pensar que Nabo já poderia estar morto é uma interpretação viável, pois em determinados momentos ele fala como se as atividades que realizava em vida já estivessem em um passado distante, e que ele, mesmo nesse período, participasse da vida apenas parcialmente. Nem todas as pessoas o viam e interagem com ele, sendo uma de suas poucas companhias uma garota que apresenta sintomas de algum distúrbio mental. Esses fatos, somados, fortalecem ainda mais a percepção de que mesmo enquanto acreditava estar vivo, Nabo já havia falecido.

A grande incerteza retratada nos diálogos entre Nabo e o anjo demonstra a sua agonia de não percepção do tempo, nem a proporção que o trauma físico pode lhe ter ocasionado. Quinze anos nessa transição parecia-lhe um curto período ou uma tarde comum. Veja-se a seguinte passagem:

Nabo dijo al hombre: “No puedo ir al coro”. Y el hombre preguntó: “¿Porqué?” Y Nabo dijo: “Porque no tengo zapatos”. Y el hombre, levantando los pies, dijo: “Eso no importa. Aquí nadie usa zapatos”. Y Nabo vio la planta amarilla y dura de los pies descalzos que el hombre tenía levantados. “Hace una eternidad que estoy aquí”, dijo el hombre. “Hace apenas un momento que me pateó el caballo”, dijo Nabo. “Ahora me echaré un poco de agua en la cabeza y los llevaré a dar una vuelta”. Y el hombre dijo: “Ya los caballos no necesitan de ti. Ya no hay caballos. Eres tú quien debe venir con nosotros”. Y Nabo dijo: “Los caballos deberían de estar aquí”. (MARQUEZ, 1974, p. 53).

Assim é possível identificar o quão perturbador foi para Nabo perder o controle da sanidade devido ao trauma sofrido, passando a viver em um limbo que lhe conduziu a navegar pelos mundos real e imaginário, cruzando o limite da percepção necessária para uma convivência plena com os demais.

Desse modo, verifica-se que as pessoas que são diagnosticadas com distúrbios mentais, sejam eles de nascença ou pós-traumáticos, continuamente são ignoradas e isoladas da sociedade. Desse modo, o “problema” é resolvido, sendo imposto a essas pessoas viverem indefinidamente no seu mundo incerto e repleto de inseguranças. Foi o que aconteceu com Nabo. Ele foi amarrado em um quarto escuro e sem qualquer tipo de higiene, comia apenas o

que lhe davam e assim era auferido se ainda continuava vivo ou morto pela família que o enclausurou.

Seu cérebro, como uma alternativa de reação, cria-lhe situações fictícias para um resgate momentâneo do abandono sofrido. Depois de ingresso no seu limbo, Nabo começa a dialogar com um anjo que vem ao seu encontro para buscá-lo. Mas antes de Nabo ceder e seguir com tal anjo, Nabo o faz esperar durante anos, depois de grandes intervalos de descanso e conversas intermináveis. Assim, Nabo vive durante muito tempo, enclausurado, amarrado, no escuro e tendo como companhia o devaneio do seu cérebro que lhe proporciona tal conformação.

Nos termos finais da leitura do conto, Nabo cede a luta do seu corpo. Recusa-se a permanecer por mais tempo naquele sofrimento, abre a porta da morte e se entrega a sua passagem como se voltasse a viver correndo, ao lado da menina, cantando e nas terras da propriedade à procura do pente para escovar os cavalos. O anjo não o segue. Ah! Ele não precisa mais do anjo, nem de sua contagem regressiva e interminável. Nabo agora é livre na sua morte vivida.

5. EVA ESTÁ DENTRO DE SU GATO:

No conto *Eva está dentro de su Gato*, assim como nos demais contos da coletânea, a morte é o principal elemento de análise. Nesse contexto, Eva é uma mulher que questiona a vida que leva, e também todos os fardos que carrega por estar viva. Para ela, a sua beleza exterior é como uma doença, herdada de seus antepassados, que a consome, literalmente. Isso porque ela a sente como pequenos insetos que passeiam por seu interior e, por conseguinte, ela passa a desejar não mais sentir sua materialidade, em busca de um ponto de paz, como explicita nessa passagem do livro:

No; esos insectos no eran suyos. Venían transmitiéndose de generación a generación sosteniendo con su diminuta armadura todo el prestigio de una casta selecta; dolorosamente selecta. Esos insectos habían nacido en el vientre de la primera madre que tuvo una hija bella. Pero era necesario, urgente, detener esa herencia. Alguien tenía que renunciar a seguir transmitiendo esa belleza artificial. (MARQUEZ, 1974, p. 18-19).

Destarte, Eva está tão imersa no sofrimento oriundo do peso de sua beleza, do luto por ter perdido alguém especial, um menino que fora sepultado sob uma laranjeira no jardim de sua casa, que ela mal percebe quando todas essas dores deixam de ser sentidas. O personagem

carrega em si muitas características de quem sofre com transtornos mentais como a depressão. Enfim, chegou sua hora. A noite de sua passagem, sua morte. De repente, Eva não tem mais sentidos, não existem mais os insetos percorrendo seu sangue; ela apenas atravessa para um outro mundo, o imaterial, e deixa todo o resto para trás.

Nessa conjuntura, o elemento de discussão morte está situado nesse ponto da história. O não ser existe para Eva como a sensação de estar flutuando em uma escuridão. Há apenas seu espírito vagando e um mundo cheio de possibilidades, pois ela está nesse limbo, porém sente como se estivesse em todos os lugares ao mesmo tempo. Eva se sentiu mais viva depois de sua morte, ela estava livre de tudo. Contudo, apenas quando deixou o mundo material pôde perceber o quanto desejava suprir desejos irrealizados, como chupar uma laranja. Além disso, o autor enfoca nesse conto a possibilidade de quem morre continuar com consciência. Como o caso também do menino que jaz sob a laranjeira, Eva consegue ouvi-lo suplicar para que alguém lhe tire do frio, que tirem a terra que cobre sua boca e o livrem dos animais que passeiam por seu corpo. É notório que essa comunicação somente existe na cabeça de Eva, porém é interessante observar esse outro lado da morte que Marquez apresenta.

Pertinente se faz observar uma conexão entre Eva e o supracitado personagem Nabo, pois assim como ele, ela não tinha noção da passagem do tempo de onde estava flutuando no escuro. Enquanto isso, no mundo que deixou para trás, tudo havia mudado, porém ela sentia como se houvesse poucos segundos desde que deixara de fazer parte dele.

De fato, a grande questão a ser refletida é que, mesmo em vida, essa mulher já não se sentia viva. O luto e o peso que ela sentia sobre si lhe tiraram a vontade de ver a vida e fazer parte dela. Então, ela apenas observou o tempo passar, e se isolou tanto em seus próprios pensamentos, que sua morte chegou e ela somente percebeu quando entendeu que já não estava deitada em sua cama, mas sim observando tudo e todos de todos os lugares, onde ninguém a via. Nessa vereda, percebe-se um quadro semelhante em pessoas que vivem com distúrbios depressivos, por exemplo, e entende-se a urgência de auxiliar essas pessoas, para que não se sintam sem vida mesmo antes de sua passagem acontecer.

O quadro de Eva remete ao de uma pessoa depressiva quando pontua-se que ela sofre com sintomas como sentimento de tristeza frequente, falta de vontade de realizar pequenas tarefas ou de se mover, insônia constante e falta de apetite. Evidente se faz que para um diagnóstico real se necessite um laudo médico; porém, em condição de interpretador do texto, o leitor facilmente pode encontrar essas características no personagem e criar essa relação.

Sob a óptica do pensamento do personagem falecido, Márquez dá o entendimento de que para a mente de Eva a morte foi sua libertação. Porém ela passou tanto tempo dentro do abismo de seus problemas que apenas com sua morte ela percebeu o quanto perdeu de viver enquanto pôde, somente viu o prazer das atividades cotidianas quando não podia mais realizá-las. Aguardou a morte em vida, e quando alcançou seu objetivo, desejou poder voltar e chupar uma laranja, desejou tão fortemente que imaginou como seria encarnar em seu gato para suprir essa necessidade. Por fim, Eva só não viu que o tempo passou enquanto ela ponderava as belezas da vida e da morte.

6. LA OTRA COSTILLA DE LA MUERTE:

Em *La Otra Costilla de la Muerte*, é retratada com exatidão uma perturbação mental que é desencadeada por uma pessoa que perde um parente. Pode-se identificar tal situação no conto, pois retratada a consciência de um irmão gêmeo sobrevivente, que não sabe lidar com a morte de seu irmão e passa a vê-lo no reflexo do espelho, onde acredita veemente que quem está sendo refletido, ao olhar para o espelho, é o seu irmão morto e não ele. Assim dispõe um trecho do referido conto:

Fue una cinta larga, larguísima, que surgia espontáneamente, sin molestias ni dolor. Un segundo después levantó la vista y vio que el vagón había sido desocupado y que solo, en otro compartimiento del tren, estaba su hermano vestido de mujer frente a un espejo, tratando de extraerse el ojo izquierdo con unas tijeras. (MARQUEZ, 1974, p. 12).

Nota-se que a ligação parental entre os dois irmãos gêmeos do conto provoca no irmão sobrevivente uma perturbação mental, que ao se deparar com a morte de seu ente, desenvolve alucinações, enquanto o seu irmão é velado no quarto ao lado. Surge, então, uma decomposição da realidade vivida até ali por ambos, e como a sua mudança afetou diretamente o gêmeo remanescente.

O evento terminativo da vida desencadeia vários sentimentos nos envolvidos, não só na pessoa que se encontra no processo da transição entre a vida e a morte, mas também nos indivíduos que circundam estes. Pode-se identificar um crescente sentimento de desamparo, isolamento e solidão de uma vida estagnada e sem nenhuma perspectiva imposta a estes atores. Além disso, é importante salientar que há uma ausência de amparo sentimental àqueles que se resignam a viver sem seus parentes, devido à sucumbência da morte. A leitura demonstra um estado depressivo, quanto ao luto patológico e ao enfrentamento da morte ora designada. A

ausência de preparação e a perturbação que descende desse contexto perecível é algo que revela o medo que as pessoas possuem da morte e quais são as saídas que o cérebro proporciona para que seja possível a convivência com a morte ora imposta.

7. AMARGURA PARA TRES SONÁMBULOS:

Em *Amargura para Tres Sonámbulos*, Márquez não coloca o leitor na pele de quem está morrendo, mas sim dos familiares que acompanham esse processo. São quatro pessoas morando em uma casa, e uma delas, a mulher, vive um espelho do que é considerado uma vida normal. No decorrer do conto percebe-se como o estado dessa mulher reflete na vida dos demais personagens.

Os três sonâmbulos são os três personagens que acompanham a rotina da mulher e conseguem ver que ela está definhando após cada dia. Essa condição da mulher afeta os demais pois eles percebem como ela não vive mais, apenas fica isolada e praticamente não se comunica. Pode-se fazer a comparação com uma pessoa que sofre com distúrbio da depressão, conforme se infere nesse trecho:

Pero ya no la oíamos caminar, ni la oíamos hablar de grillos, hasta el día en que, después de la última comida, se quedó mirándonos, se sentó en el suelo de cemento todavía sin dejar de mirarnos, y nos dijo: «Me quedaré aquí, sentada»; y nos estremecimos, porque pudimos ver que había empezado a parecerse a algo que era ya casi completamente como la muerte. (MARQUEZ, 1974, p. 28).

No conto, o aparente estado depressivo, como se dentro de seus próprios pensamentos o paciente escolhesse deixar de viver com a facilidade de quem escolhe não comer o almoço. Nesse contexto, a mulher decide não mais sorrir e andar, e então passa a viver como uma personificação da morte, as atividades de seu organismo funcionam perfeitamente, porém, sua saúde mental não acompanha seu corpo. Assim, não é verdadeiramente uma escolha do enfermo deixar de viver plenamente, apenas em seu pensamento não há sentido nem motivo em realizar certas atividades ou interagir com a sociedade ao seu redor. Enxerga-se o sofrimento oriundo da doença não só em quem está nessa situação, mas em quem acompanha a pessoa nesse estado frágil, como parte do dilema desses familiares aqui:

Sentados en un triángulo la imaginábamos allá adentro, abstracta, incapacitada, hasta para escuchar los innumerables relojes que medían el ritmo, marcado y minucioso, en que se iba convirtiendo en polvo: «Si por lo menos tuviéramos valor para desear su muerte», pensábamos a coro.

Pero la queríamos así, fea y glacial como una mezquina contribución a nuestros ocultos defectos. (MARQUEZ, 1974, p. 26).

O dilema dos familiares no exemplo do conto aparenta ser o de uma família que convive com alguém em grave estado depressivo. Porém podem-se identificar comportamentos semelhantes em situações em que há alguém vivendo em estado vegetativo provocado por alguma doença, ou acidente. Então, é viável questionar até quando uma pessoa biologicamente viva continua realmente viva, pois apesar de apresentar funções vitais em pleno funcionamento, há a possibilidade de aquela pessoa não compreender mais o que acontece ao seu redor, e não saber mais o sentido da vida e o porquê dela continuar nesse lugar. Em situações assim, esses pacientes, apesar de frequentemente receberem auxílio médico, não aparentam estar vivendo uma vida digna, pois não há mais neles a simples compreensão de estar vivo.

Essas pessoas que mantêm um relacionamento íntimo com esses enfermos, muitas vezes, como no conto, sentem-se culpadas pela situação de impotência frente a um problema que parece não ter solução. Os sonâmbulos do livro dizem querer desejar a morte de seu ente, porém não possuem essa coragem e têm plena consciência que a mulher não está feliz e sofre apenas por continuar acordando todos os dias, porque a cada dia se resigna mais de tentar sair desse quadro complicado. Pelo contrário, ela parece cada vez mais se entregar a esse sentimento profundo que a leva para baixo. Em um certo momento da história, há uma cena em que se pode até interpretar que essa mulher busca outras vias para acabar com sua vida, além do isolamento autoimposto:

Ni siquiera nos sorprendimos una mañana, después de levantados, cuando la encontramos boca abajo en el patio, mordiendo la tierra en una dura actitud estática. Entonces sonrió, volvió a mirarnos; había caído desde la ventana del segundo piso hasta la dura arcilla del patio y había quedado allí, tiesa y concreta, de bruces al barro húmedo. Pero después supimos que lo único que conservaba intacto era el miedo a las distancias, el natural espanto frente al vacío. La levantamos por los hombros. No estaba dura como nos pareció al principio. Al contrario, tenía los órganos sueltos, desasidos de la voluntad, como un muerto tibio que no hubiera empezado a endurecerse. (MARQUEZ, 1974, p. 27).

Por meio da leitura desse trecho e da interpretação extraída, a conclusão foi que a mulher não caiu acidentalmente da janela, nem os próprios personagens acreditam nessa versão dos fatos. Aparentemente, o que aconteceu foi que ela pulou. Não é conhecida a razão específica, ela podia estar mesmo desejando colocar um fim a sua vida, porém também podia estar passando por um momento de confusão mental decorrente de um transtorno psicológico. Após esse episódio, novamente, os familiares voltaram a cuidar da mulher, e discutir como ela estava alheia a todos eles. Em diversos momentos chegam a se questionar se ela sempre fora assim, pois nela não havia mais nada da criança alegre que um dia fora.

Finalizando, a leitura do conto leva a refletir sobre o impacto de uma doença incapacitante não só em quem a vive, mas em quem presencia essa enfermidade em alguém próximo. Percebe-se que, quem teoricamente deve manter a postura de força e apoio para o enfermo, também pode ser gravemente afetado e sofrer tanto quanto o paciente. Colocar-se o leitor em seu lugar e sentir empatia pelo papel que o familiar assume nessa narrativa.

Mais uma vez o livro mostra que a morte não se resume apenas a fechar os olhos e ser sepultado. Nota-se que a morte pode existir para quem ainda vive, assim como a vida pode se manter em alguém que já passou pela morte. Nesse viés, os sonâmbulos e a mulher doente experimentam a morte ainda em vida, pois um lugar sem alegria, sem interação social, em que não há vontade de viver não há uma vida digna de ser vivida.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No decorrer de todas as discussões, os membros do grupo destacaram suas mudanças de entendimento a respeito do tema. Baseados na linha de pensamento que antes não haviam experimentado, ler um conto e se colocar no lugar da pessoa que está morta é algo inusitado, pois após a morte, o reflexo humano é assumir que aquela pessoa deixou de existir, não sente nada nem pensa. Porém, com Gabriel García Márquez, pode-se viajar para uma realidade em que a morte é uma apenas uma passagem, e que, após isso, há praticamente uma vida nova em um mundo novo e desconhecido, entenderam alguns dos membros do grupo.

Do mesmo modo que em algumas partes do livro pôde-se entender o processo de morrer visto pelos olhos de alguém que está próximo a essa pessoa em trânsito, considerou-se como a morte influencia não só quem de fato morre (se é que poderia influenciar), mas também quem está vendo isso acontecer e permanece nesse mundo com as perguntas que jamais serão respondidas por aqueles que partiram. Ademais, ao decorrer do livro, a morte pode ser não apenas o não funcionamento das atividades do organismo: a morte é percebida como a ausência da vida, e algumas pessoas enquanto vivas já se sentem como mortas, assim como o enredo dos contos levanta a possibilidade de uma pessoa enquanto morta ainda se sentir viva.

A partir da leitura dos contos foi possível desenvolver nas leitoras uma interpretação tangível das situações que envolvem os momentos finais da pessoa que se encontra no seu limbo e na transição do processo de consciência de estar morto, além da mudança da perspectiva ótica em relação a essas pessoas. Após o estudo, a perspectiva da morte passou a ser um estágio comum da vida de todo ser humano, mas não na sua perspectiva finalista e sim continuada, que

retrata os sentimentos dos parentes de um morto ou da pessoa que se encontra nos segundos finais de sua vida.

Criou-se uma perspectiva humanista e de empatia com o outro, de um modo vigilante sobre se os direitos desse estão sendo realmente garantidos. Assim, o poder humanista da literatura, posicionando o jurista no lugar de um redesignado à morte, uma experiência que não poderia ser vivida senão por meio da Literatura. Deste modo, inobstante algumas das críticas ao Direito e Literatura, o presente trabalho mostrou que somente a Literatura poderia proporcionar tamanho aprendizado ao leitor, aluno da graduação em direito.

REFERÊNCIAS

CIOATTO, Roberta Marina. A Morte Viva no Conto La Tercera Resignación de Gabriel García Márquez e o Trato Jurídico da Distanásia Infantil na Colômbia. [aguardando publicação].

LYNN, Hunt. **A Invenção dos Direitos Humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Ojos de Perro Azul**. S.l., 1974.

OLIVEIRA, Amanda Muniz. Direito e Literatura: um grande mal entendido? As críticas de Richard Posner e Robert Weisberg ao direito na Literatura. **Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 5, n. 2, p. 395-416, 2019.

SANTOS, Mylla Regina Carneiro; LINS, Liliane; MENEZES, Marta Silva. “As intermitências da morte” no ensino da ética e bioética. **Revista Bioética**. v. 26, n. 1, p. 135-44, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422018261235>.

SCHECAIRA, Fábio Perin. A importância da literatura para juristas (sem exageros). **Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 4, n. 2, p. 357-377, 2018.

SCHECAIRA, Fábio Perin. Werther e o (suposto) poder da literatura. **Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 5, n. 2, p. 375-393, 2019.

TRINDADE, André Karam; BERNSTES, Luísa Giuliani. O estudo do direito e literatura no Brasil: surgimento, evolução e expansão. **Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 3, n. 1, p. 225-257, jan./jun. 2017.